

ANO I-Nº3

OUT-86

PÇ: GZ\$

DIVULGAÇÃO INTERNA

ÓRGÃO INFORMATIVO DO DEPARTAMENTO DE
PSICANÁLISE DO INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE

EDITORIAL

E voce está diante de mais um número do "Jornal" (o 4º). Perplexo? Surpreso? Curioso? Indiferente? Mas afinal, o que é este "Jornal"? Porta-voz do Depto. é como se definiu. Sem dúvida é uma tentativa de ser um elo de ligação entre Depto., Sedes e as pessoas que estiveram ou estão a ele vinculadas; um espaço que pretende ser aberto para a comunicação e a criação mas que, de publicação tão espaçada, talvez não atinja suas pretensões. De qualquer forma, está vivo e até que cresceu e se ampliou.

Pela primeira vez publicamos um artigo de um membro do Depto. Esperamos que o gelo tenha se quebrado e que isso facilite a iniciativa de outras pessoas para mandar seus artigos e contribuições.

No mes de agosto realizou-se no Sedes o Simpósio "Psicanálise e Instituição, organizado pelo setor de Saúde Mental. O interesse pelos temas abordados levou os presentes a solicitar ao setor de Publicação uma medida que possibilitasse a todos obter os textos. Paralelamente ao Jornal serão publicados os trabalhos apresentados no Simpósio.

Esperamos que a sua reação frente a este número, e a tudo que voce tem visto acontecer neste nosso Depto., possa ser transformada em contribuições. Aqui no Jornal, voce pode participar através de artigos, cartas, notícias gerais ou de eventos ligados à área, etc. E, a partir de agora, contamos também com uma nova proposta dentro do Jornal- Caderno Id- um canal livre aberto a todas as formas de manifestações culturais.

NOTÍCIAS

A Comissão Coordenadora Geral do Depto. comunica que suas próximas reuniões serão realizadas no Sedes, às 20:30 hs., nos seguintes dias:
5/nov., 19/nov.

Essas reuniões são abertas a todos os membros.

/ /

CONVOCADORES:

"Curso" - Janete. T. 853.2493

"Clínica" - Marcia. T. 287.1443

"Eventos" - João. T. 280.2265

"S. Mental" - Gilca T. 285.1668

"Estudos" - Tera T. 61.7820

"Publicações"- Nelson T. 883.6642

"Inform. Gerais" Cristina-T.256.4758

Laurinda.T.883.4223,Pituca.T.883.6642

/ /

O depto. recebeu no mes de agosto o casal Marie Cristhiene Laznik e Bernar Penot. Marie Cristhiene é psicanalista membro da Associação Freudiana de Paris e proferiu conferência intitulada " A criança psicótica é uma carta roubada?"- Análise de uma situação constitucional tendo como base o seminário "A carta roubada" de J. Lacan. Bernar Penot proferiu conferência refletindo sobre o texto de Freud " Um transtorno de memória na Acrópolis" (1936). Bernard é membro da Sociedade de Psicanálise Francesa e dirige um Hospital-Dia para adolescentes em Paris.

Grupo de Estudos

Está acontecendo no Depto. de Psicanálise um grupo de estudos (teórico-prático) que se formou a partir do interesse de um grupo de colegas de estudarem juntos algumas questões ligadas à prática clínica e sua vinculação com a teoria psicanalítica. Esse grupo está completo, mas quem tiver interesse em informações pormenorizadas sobre grupos semelhantes, deve procurar Beth (t. 52-4493) ou Maria Lucia (t. 280-1408).

Setor de Currículo

"Falando sobre a Comissão de Currículo"

Só lembrando. A Comissão de Currículo é uma das comissões nas quais o conjunto de professores tem se organizado de seu funcionamento como órgão diretor do curso, conforme resolução conjunta de assembleia do curso realizada em abril deste ano.

Essa comissão tem se reunido, não tendo até o momento um projeto acabado de proposta de reestruturação. Assim que o tiver, ele será apresentado ao conjunto de participantes do curso. Mas isto não impede que se fale sobre o que a comissão tem trabalhado. Tem trabalhado sobre a possibilidade de um novo programa de ensino, mas não enquanto simples reformulação de temas ou de sequência de temas. Tem trabalhado naquilo que fundamenta a nossa visão de transmissão de Psicanálise e um possível futuro programa vem se esboçando a partir daí. Questões como: que sentido tem a seriação, que sentido tem a aula teórica, que sentido tem supervisões em grandes grupos e outras questões na linha dos fundamentos têm surgido e têm se imposto privilegiadamente à reflexão. Acreditamos que sedimentando o sentido do currículo estamos contribuindo para o encontro de um programa mais satisfatório para todos os que nele estão envolvidos.

Não sabemos quando teremos algo de mais pronto para apresentar. Quando tivermos vamos propor uma situação coletiva para discussão.

Cada povo tem os criminosos — e a criminalidade — que merece. Isto significa que a patologia da violência, longe de ser explicável a partir de uma visão catastrofista da natureza humana, cruel e corrupta em seu miolo, tem raízes sociais e políticas que a tornam um fenômeno coletivo, passível de transformações — ou modificações — capazes de agravá-lo, ou atenuá-lo. Não resta dúvida que o crime habita o coração do homem, como possibilidade inarredável. Daí, entretanto, a convertê-lo em destino ontológico, apto a elucidar tanto as iniquidades da Baixada Fluminense quanto a delinqüência política dos centras, na Nicarágua, vai um abismo. Houve — pulbões inais do ser humano — eram capazes de explicar guerra e paz, vida e morte. A ser assim, nada se poderia fazer. As cartilas eslarimam antecipadamente marcadas, para o amor e para o ódio, e a criminalidade não passaria de uma secreção purulenta dos instintos tanáticos — sem remissão possível.

Esse modo de ver as coisas já teve o seu prestígio — e o seu fastígio —, principalmente no campo da psicanálise desinformada, conformista ou reacionária. As disputas internacionais, os conflitos armados, a luta de classes, a rebelião das massas espoliadas, a violência urbana e suburbana — tudo era creditado aos instintos, de morte, causa necessária e suficiente de toda a crueldade humana, pessoal ou social, onde quer que aparecesse. O caráter grosseiramente ideológico dessa visão de mundo salta à vista de qualquer um. Ela abolve os beneficiários da injustiça, da espoliação e da opressão, seja no plano nacional, seja no plano internacional. O status quo universal fica, assim, justificado — e legitimado. Os grandes capitalistas — indígenas e multinacionais — superdotados de energias tanáticas, das quais não são responsáveis, chupam o sangue dos pobres por fatalidade genético-instintiva. Estes, por sua vez, ao reagirem — quando reagem —, também dão mostras de frondosa musculação

mortífera, que os empurra cegamente para a luta.

Hoje em dia, tal tipo de pensamento tornou-seapanhado de uns poucos — e enverganhados — rincocerontes. A criminalidade — sabe-se com certeza — é sintoma de causas e crises sociais, políticas e psíquicas, cuja articulação conceitual vem sendo lentada, com êxito, na área das ciências humanas. O criminoso, ao cometer seu delito, ao mesmo tempo que atua sua deformidade pessoal compõe, com eloquente minúcia, o retrato de uma sociedade deformada e deformante, da qual é desceperada vítima — e desesperado cúmplice. As relações entre criminalidade e estrutura social são de tal maneira íntimas e indissolúveis, que é possível pensar-se numa tipicidade criminológica, definidora de determinado agrupamento civilizatório. É claro que tal aproximação do problema carece de contorno minucioso — e preciso. Mata-se por cobiça ou ciúme em qualquer latitude ou longitude, superdesenvolvida — ou subdesenvolvida. Mas, se quisermos diferenciar um crime que seja característico de um país opulento, como os Estados Unidos, de outro que represente, por exemplo, a criminalidade brasileira, veremos que tal propósito tem coerência — e consequência.

Freud, em vários pontos de sua obra, assinala a existência, no ser humano, de um rancor contra a cultura, capaz de arrastá-lo, em casos extremos, à violência e ao crime. Acontece que o processo pelo qual, gradativamente, nos tornamos sócios da sociedade humana, implica sérias — e duras — renúncias e sacrifícios, desde a infância mais remota. A tarefa fundamental da criança, no primeiro ciclo de vida, consiste em integrar as prescrições e interdições da cultura no que respeita à sua atividade pulsional. Ela tem que desistir da paixão edípica que a consome e, ao mesmo tempo, precisa prazér para o princípio de realidade. Tudo isto é muito duro e exige, como paga, por parte da família, compensações e gratificações que, diríci-

crimes padrões através dos quais a grande massa de despossuídos absorve o assaltante é uma caricatura bódica da expropriação social praticada pelo capitalismo selvagem, em nosso país. Dizia Lênin, com senso de humor, que mais grave do que assaltar um banco é fundar um banco. Os juros cobrados ao Brasil por sua dívida externa tendem a dar razão ao velho bolchevique.

Seja como for, a criminalidade brasileira tem um alvo, um projeto, embora perverso e enlouquecido. Ela é, por assim dizer, desejante, busca a posse, o uso e o gozo dos bens deste mundo, cobiça-os com palho e os persegue — sem compaixão. O assaltante e o esturpador, embragados de ódio, servem ao princípio de prazér, explodem o pacto social e o pacto edípico e se entregam — coraçao escaldante — à perversão e ao crime.

Já o modelo do crime americano típico é diferente. É claro que, nos Estados Unidos, há práticas delinqüentes para todos os gostos. O que é específico no solo da criminalidade inique é a irrupção de violência cega, absoluta — ódio puro. Há poucas semanas, Patrick Sherrill, ex-fulzeiro naval, matou a tiros de revólver catorze pessoas, numa agência postal. Tais crimes se repetem, com frequência cada vez maior, e denunciam o grau de irracionalidade e de alienação absolutas a que conduz o capitalismo imperial.

A criminalidade americana tem, portanto, características que a diferenciam da nossa, e a tornam enigmática — e demoníaca. O inferno é o deserto do amor e de qualquer apêlito, por degradado que seja. O demônio é, por definição, inapetente de tudo e de todas as coisas. Ele goza com a destruição pura, com os incêndios do nada — para nada. O demônio arde como um diamante de ódio, no qual o próprio prazér se consome. Seu sonho insone é o apocalipse atômico.

SEÇÃO NOVA

'OPINIÃO'

sta é uma nova
ção do "Jornal"
Opinião.
colhemos este
tigo para inau
ra-la, por ser
u autor conhe-
do e pela atua
dade do tema:
violência da
sigualdade.
espaço está
erto para crí-
cas, comentários
sugestões para
tros artigos
e considerem
ortunos para
rem publicados
sta seção.
uardamos.

te artigo foi
anscrito do Jor
"A Folha de
Paulo" -
/09/86.

Formação: Forma ou Fôrma?

Todos parecem concordar com o fato da formação estar ancorada no tripé substantivo: análise, supervisão e teoria.

Analisar, supervisionar e teorizar têm sido o tripé verbal do Psicanalista, assim adjetivado. E o psicanalista em formação, qual seria a sua conjugação? Ser analisado, supervisionado e ser teorizado?

Quando fui convidada pelo Setor de publicação para escrever sobre formação, logo me ocorreu - "não tenho nada de original para escrever sobre o tema". Porém, o ato em si, já é suficientemente original para ser registrado. Afinal, trata-se de um convite/espaco que os psicanalistas em formação tenham direito a cidadania no "País da Psicanálise".

A nós, cabe um duplo tripé. O primeiro, e talvez o mais perigoso para a identidade do futuro psicanalista, está na análise, supervisão e ensino. É neste tripé que o "psicanalista" irá descobrir a própria fôrma ou arranjar a forma. Numa análise onde nem sempre o sintoma - o desejo de ser analista é compreendido. Nas supervisões onde a escuta não é analítica, mas de regras e fórmulas de atendimento; é no ensino onde a "verdade" transmitida é "ideologizante", é para repetir e não recriar, é se por na "fôrma verdadeira" ao invés de descobrir psicanaliticamente a forma singular de vir-a-ser.

O segundo tripé é: atender, estudar e escrever. Este só pode acontecer nas instituições onde a transmissão da Psicanálise não é uma missa, mas uma missão a ser preservada, que também não é religiosa, mas provocadora e disruptora.

No "País da Psicanálise", a religião oficial é a não-religião, a moral é a ética, o saber é o "não saber", o governo é a não direção do desejo do outro, a instituição é o território da livre associação. Com isso quero dizer que a instituição de formação talvez não possa tomar para si o papel de formar um analista, mas, de criar condições para que ele faça o seu próprio percurso dentro desse tripé, ou seja, que o "psicanalista" possa desejar o como da sua formação e não ser desejado "pela instituição. Enfim, o que fazer para não obstaculizar o processo psicanalítico que ocorre na análise pessoal do psicanalista em formação?

No meu entender, a instituição formadora já faz muito quando não atrapalha o processo psicanalítico com suas questões internas

permitindo que a transferência seja realmente com o analista e não tornando-o um mero mediador da transferência do analisando com a instituição. Portanto, quando a instituição não dirige o desejo do formando e quando se despoja da carga fantasmática - de reconhecer e autorizar - que lhe é atribuída, já está cumprindo grande parte de sua função, ser continente de pessoas que desejam, e se angustiam com o sintoma - tornar-se psicanalista.

Porém, mesmo não atrapalhando resta a questão : como promover condições para a formação?

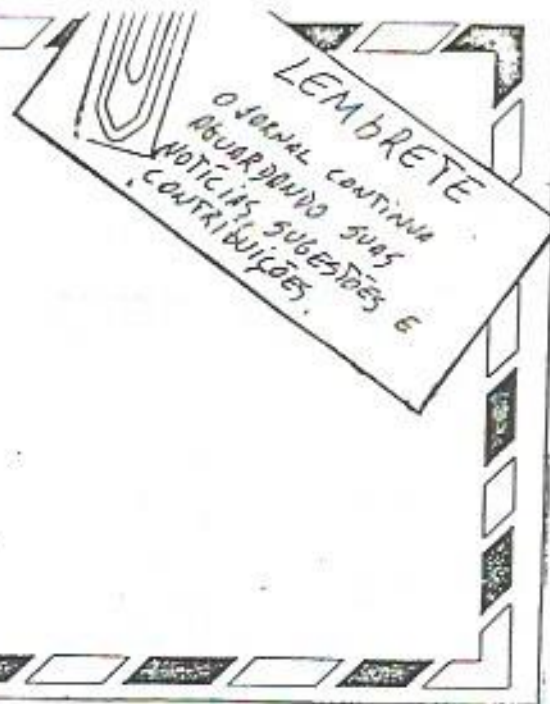
As sociedades de psicanálise e os grupos de formação, contribuem quando transformam a questão reconhecimento/autorização em pertinência/produção. O reconhecimento/autorização tem sido o lastro de poder dessas instituições, que na realidade funcionam como associações, assumindo o papel social de constituir e preservar a categoria (valorizam a profissão aumentando o mercado de pacientes e o preço das sessões...) deixando de lado sua função de acolher e propiciar o desenvolvimento daqueles que a procuram. Não é por acaso, portanto, que o segundo tripé não é considerado primordial na medida em que não regula as relações sociais de trabalho, ao contrário do primeiro que praticamente as define. Neste caso, não faço distinção entre a idéia de análise didática ou "passe"; pois em ambos, de modo organizativo-ideológico diferentes, a função permanece inalterada, a da permissão, da licença, ou do visto de entrada para o "País da Psicanálise".

A possibilidade do novo, do criativo na Psicanálise está na experiência e no discurso diferente de cada analista. E isto não quer dizer, que necessariamente teremos cisões e divisões em profusão. Ao contrário, pode significar um saber não narcísico, onde o reconhecimento não é o da ordem do clã, da família ou da filiação daqueles que se percebem porque são iguais, mas sim, do possível interlocutor, da aquele que escuta e também responde.

Nada mais letal ao desenvolvimento do movimento psicanalítico do que o reconhecimento pela semelhança, ou o irreconhecimento pela diferença. Isto seria a morte psicanalítica da Psicanálise.

Marina Massi , 29 anos
psicanalista em formação .

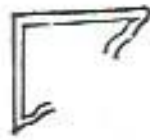
SEÇÃO
CARTAS



Agenda:

- Seminário: "Psicologia das massas", sob a direção do Dr. Leon Rozitchner (Argentina), no dia 5.11.86, 4ª feira, às 19:30hs; no Instituto Sedes Sapientiae; aberto para alunos do curso de Psicanálise e membros do Depto.; taxa de inscrição: Cr\$ 70,00.
- Conferência: "Freud e Clausewitz - o problema do poder"; conferencista Leon Rozitchner; no dia 6.11.86, 5ª feira, às 20:30hs; no Instituto Sedes Sapientiae; aberto a todos os interessados; taxa de inscrição: Cr\$ 100,00.
- Mesa Redonda: "Psicanálise e Política"; com a participação de: Gregório Barenblitt (Brasil), Leon Rozitchner (Argentina), Manuel Calbrino (Cuba), Walter Evangelista (Brasil); no dia 7.11.86, 6ª feira, às 19:30hs; no Instituto Sedes Sapientiae; aberto a todos os interessados; taxa de inscrição: Cr\$ 130,00; informações e inscrições no Instituto Sedes Sapientiae de 2ª a 5ª feira das 14:30hs às 18hs com Maria Inês (Bida); fax: 262.8021.
- Vídeo: "Psicuba"; filmado durante o "Encontro sobre Questões Técnicas, Ideológicas e metodológicas de Psicologia na América Latina", em julho/86 em Cuba; realização de Heidi Tabaco e M. Marta Assolini, Eida Aidas e Lucía Lima; nos dias 6/7/8.11.86; em horário a ser divulgado pela imprensa; no MIS (Museu da Imagem e do Som).
- Jornada: promoção do Depto. de Psicanálise; no dia (a ser confirmado) 6.12.86; no Instituto Sedes Sapientiae.

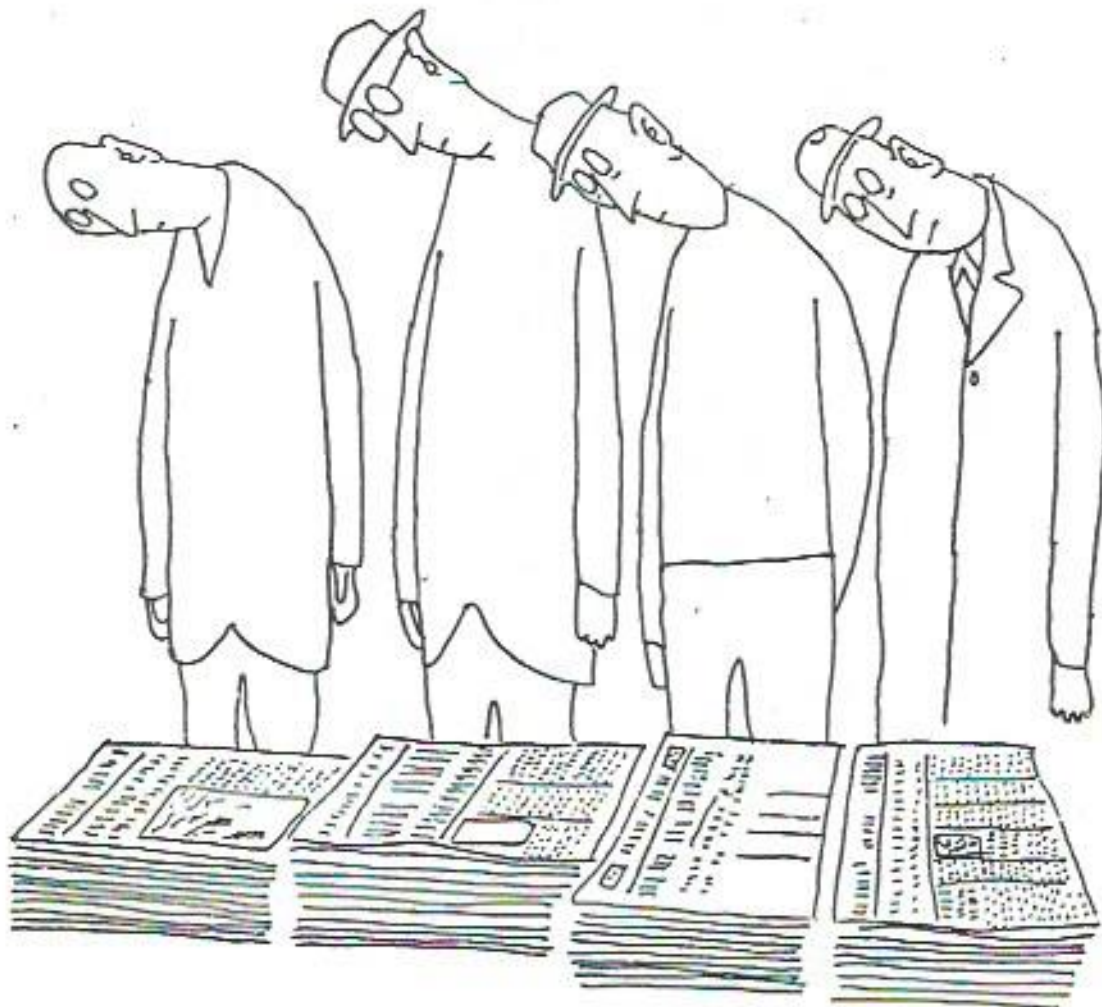
CADERNO ID



LEMBRETE

Se procurar bem, voce acaba encontrando
não a explicaçãõ (duvidosa) da vida
mas a poesia (inexplicavel) da vida.

C.Drummond de Andrade.



CAÇA - PALAVRAS

R	S	B	O	T	E	J	B	O	A	M	V
F	O	E	A	H	N	E	U	R	O	S	E
Z	R	A	I	N	S	T	I	N	T	O	G
L	A	E	C	O	D	E	G	J	I	N	O
A	U	S	U	S	L	E	A	N	A	L	Q
R	E	O	C	D	A	I	X	E	T	A	C
O	X	C	D	J	F	Y	B	E	R	U	P
M	R	I	T	A	N	A	L	I	S	T	A
O	P	S	Z	B	E	R	V	U	D	Z	H
N	I	P	I	O	P	A	N	Q	M	O	C

- 1- FREUD
- 2- LIBIDO
- 3- CATEXIA
- 4- NEUROSE
- 5- PSICOSE
- 6- OBJETO
- 7- INSTINTO
- 8- ANALISTA
- 9- EGO
- 10- ANAL
- 11- ORAL

EVENTOS CULTURAIS

Estã acontecendo no Centro Cultural de São Paulo (Vergueiro), até o dia 5 de novembro, das 10 às 22 horas, uma interessante exposição de fotos sobre salas de cinema em São Paulo. Divididas por temas, e não por uma única sequência cronológica, visa mostrar, do advento do cinema sonoro até hoje, a importância que o cinema teve na cidade, especialmente quando era o único entretenimento da época. (Realização da Secretaria Municipal de Cultura, setor de Pesquisa em Cinema)